Novas vozes que ecoam antigas vozes: Clarice Fortunato, Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus

New Voices that Echo Old Ones: Clarice Fortunato, Conceição Evaristo and Carolina Maria de Jesus

Autoria: Eurídice Figueiredo

<https://orcid.org/0000-0002-8265-3034>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.181121>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/181121>

Recebido em: 19/01/2021. Aprovado em: 07/05/2021.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 10, n. 18, jan.-jul., 2021.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>. [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

Como citar (ABNT)

FIGUEIREDO, Eurídice. Novas vozes que ecoam antigas vozes: Clarice Fortunato, Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus. *Opiniões*, São Paulo, n. 18, p. 281-296, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.181121>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/181121>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)

Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

novas vozes que ecoam antigas vozes: clarice fortunato, conceição evaristo e carolina maria de jesus.

New Voices that Echo Old Ones: Clarice Fortunato, Conceição Evaristo and Carolina Maria de Jesus.

Eurídice Figueiredo¹

Universidade Federal Fluminense – UFF

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.181121>

¹ Professora aposentada da UFF. Atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFF. E-mail: euridicefig@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8265-3034>.

Resumo

A proposta deste texto é de analisar o livro *Da vida nas ruas ao teto dos livros*, de Clarice Fortunato, colocando-o em diálogo com *Becos da memória* de Conceição Evaristo e o *Diário de Bitita* de Carolina Maria de Jesus. Nos três livros, as autoras, negras e pobres, de diferentes gerações, relatam suas histórias de vida. Fortunato e Evaristo conseguiram completar a escolaridade, tendo concluído um Doutorado em Letras ao passo que Carolina de Jesus não teve as mesmas oportunidades. Conceição Evaristo considera seu livro um romance ainda que inspirado nos fatos de sua vida; Clarice Fortunato dá uma forma menos romanesca enquanto o livro de Carolina, embora leve o nome de diário, não tem a forma clássica do diário, com entradas datadas. Em resumo, os três livros são autobiográficos, o que não quer dizer que eles retratem um vivido tal como aconteceu, o que é impossível. Através da leitura do percurso dessas mulheres pode-se entrever um verdadeiro painel das desigualdades e das injustiças da sociedade brasileira, além do racismo estrutural que oprime as mulheres negras.

Palavras-chave

Literatura brasileira. Autoras negras. Clarice Fortunato. Conceição Evaristo. Carolina Maria de Jesus.

Abstract

The aim of this text is to analyze Clarice Fortunato's book *Da vida nas ruas ao teto dos livros*, establishing a dialogue with Conceição Evaristo's *Becos da memória* and *Diário de Bitita* by Carolina Maria de Jesus. In the three books the authors, black and poor, of different generations, tell their own life stories. Fortunato and Evaristo managed to complete their schooling, obtaining Doctor of Letters degrees, while Carolina de Jesus did not have the same opportunities. Although inspired in events of her life, Conceição Evaristo sees her book as a novel; the form Clarice Fortunato gives her book is not exactly that of a novel, while Carolina's, despite being called a diary, does not have the classic diary form with dated entries. In sum, the three books are autobiographical, although this does not mean that they portray lived experiences as they actually occurred, which is impossible. Reading these women's trajectories enables one to get a vivid glimpse of Brazilian society's inequalities and injustices, as well as the structural racism that oppresses black women.

Keywords

Brazilian literature. Black authors. Clarice Fortunato. Conceição Evaristo. Carolina Maria de Jesus.

O livro *Da vida nas ruas ao teto dos livros*, de Clarice Fortunato (2020), conta a história de vida da autora que, como o título indica, teve uma infância muito pobre e chegou, na idade adulta, a um clímax ao concluir o Doutorado em Letras na UFSC. A obra dialoga com *Becos da memória* de Conceição Evaristo e o *Diário de Bitita* de Carolina Maria de Jesus. Conceição Evaristo considera seu livro um romance ainda que inspirado nos fatos de sua vida; Clarice Fortunato dá uma forma menos romanesca enquanto o livro de Carolina, embora leve o nome de diário, não tem a forma clássica do diário, com entradas datadas. Em resumo, os três livros são autobiográficos, o que não quer dizer que eles retratem um vivido tal como aconteceu, o que é impossível. O escritor não pode restituir a verdade plena do acontecimento, isso não é realizável, como já afirmava Walter Benjamin (1993, p. 37) a propósito da obra de Marcel Proust: o mais "importante para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência". As três autoras, de diferentes gerações, ao escrever sobre suas vidas, fabulam, imaginam, recriam uma experiência de dores e superações, constituindo uma linhagem na literatura brasileira.

Alain Buisine (1991, p. 10) afirma que a biografia tornou-se produtora de ficções; mais do que isso, ela se dá conta de que a ficcionalidade faz parte do gesto biográfico. Poderia acrescentar que a mesma coisa se dá com a autobiografia como pontua Conceição numa entrevista: "Quando digo que é uma espécie de ficção da memória, alguns eventos reais inspiraram a criação do texto. [...]. Porém nenhum episódio pode ser lido, tal como aconteceu (a narração é quase verdade, é quase mentira), na escrita tudo se modificou" (apud FIGUEIREDO, 2013, p. 166).

Segundo Anne Muxel (2003, p. 147), a transmissão e a memória são operadores que trabalham para a construção e a definição das identidades individuais e coletivas, aquelas que desenham os contornos de uma personalidade social, relacionada a uma idiosincrasia e à singularidade de uma história, bem como as que fixam as características sócio-históricas, reais e imaginárias, da existência de uma sociedade. A memória e a transmissão fabricam os liames entre os indivíduos, entre as gerações, os diferentes tempos históricos. Ao examinar as três autoras, Carolina, nascida em 1914, Conceição, em 1946, e Clarice, em 1976, uma linhagem se forma em que memória e transmissão operam na junção entre o que persiste e o que se inventa. Ainda segundo Muxel (2003, 148), cada geração é confrontada a uma realidade histórica e social cujos valores, imposições e contradições determinam as condições de sua socialização. Assim, cada geração negocia sua inscrição na história no sentido de carregar a herança que recebeu de suas antecessoras. Clarice Fortunato (2020, p. 55), como Tatiana Salem Levy em *A chave de casa*, evoca o peso da herança. "[...] é possível carregar nos ombros o peso de tantos traumas coletivos? Qual a parte que me cabe desse espólio? São perguntas que ecoam em meu interior e que não consigo silenciar". Ao falar de si, ela reproduz os ecos das vozes do passado, tanto as de escritoras como Carolina e Conceição, quanto as de suas ancestrais, numa memória transgeracional.

Clarice Fortunato (2020, p. 18) conta na Introdução de seu livro que ela estava na Inglaterra, fazendo o doutorado sanduíche, quando começou a ouvir vozes que exigiam "Você precisa contar sua história", uma espécie de epifania paranóica da qual tentou fugir. Entretanto, o vulcão que tinha dentro de si estava

prestes a entrar em erupção, o que assinala a urgência de sua necessidade de escrita a fim de realizar uma catarse. O livro é, portanto, parte de seu percurso acadêmico, que irrompeu sem ser previsto. Um Exu que apareceu na festa sem ser convidado. Apoiando-se em Todorov, afirma que foi o deslocamento para o exterior e o isolamento numa pequena cidade inglesa no período de férias que teriam provocado essa premência de mergulhar no passado e revelar-se. O livro começa, pois, como projeto de tese, a fim de desencavar um passado doloroso enterrado. Pelos capítulos seguintes, ela vai contar sua vida, de uma infância miserável, passando por uma adolescência exaustiva, em que se dividia nas funções de empregada doméstica e estudante, chegando a sua formação universitária e à explicitação do sonho de fazer uma pós-graduação.

Após ter contado sua história de vida, a começar por um breve resumo sobre o encontro dos pais, ela retoma esse período em Exeter, na Inglaterra, no último capítulo do livro. De maneira similar ao percurso de Tatiana Salem Levy, que conta no posfácio de sua tese (que, naturalmente, não faz parte do romance *A chave de casa*), suas deambulações em busca de um tema de tese, Clarice também tinha um projeto mais acadêmico. Ao decidir contar sua vida, abandona o projeto em andamento e começa um “esforço gigantesco para assentar e reorganizar as ruínas que caíam diante de mim, desafiando o tempo cronológico que regula o doutorado” (FORTUNATO, 2020, p. 102). Reconhece ser difícil escrever um relato memorial quando só tem fragmentos de uma vida traumática, extremamente conturbada e solitária; reconhece que tem uma identidade em crise, atravessada por transformações que ela mesma não entende; compara-se ao anjo de Klee, tal como foi analisado por Walter Benjamin, aquele anjo que olha o passado e só vê ruínas, as ruínas da barbárie. “Mas já não devo temer olhar para trás. Eu já sublimei o passado, iluminei a escuridão e todos os fantasmas se desvaneceram. Eu recuperei as feridas através da escrita, que, como cicatrizes, é prova da minha libertação” (2020, p. 104). Aqui quem fala é a narradora do relato, não é a autora real, em carne e osso; ela tem consciência de que aquela que escreve realiza a missão que lhe foi destinada ao passo que a pessoa que continua a viver a sua agonia não é assim vitoriosa, não curou todas suas feridas. Ela própria explica como se comporta o sujeito ao tratar o trauma: ele fica entre a necessidade de lembrar e o desejo de esquecer. No entanto, nenhuma via é possível, o sujeito traumatizado balança de um lado a outro porque, ao percorrer as lembranças nefastas, volta a sentir a mesma dor do passado. Assim, ela encara a escrita como um projeto terapêutico, uma etapa de elaboração do luto pelas perdas sofridas.

De certa maneira, o formato acadêmico a protege um pouco porque lhe permite uma reflexão teórica que é, necessariamente, mais distanciada do que a narração crua. Para falar da fome que sentia quando era menina, evoca o *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus, quando menciona o sofrimento de não ter comida para dar para seus filhos. “De forma semelhante, ela também comeria comida do lixo: sim, a fome de Carolina era a minha fome e a de tantas outras mulheres negras e pobres” (2020, p. 105). A precariedade em que viviam era tal que não tinham nem casa, nem banheiro, nem roupa decente para usar. Clarice se vê no espelho de Carolina, “gostaria de se vestir melhor, mas não tinha nem sabão para lavar a roupa. Da mesma forma senti vergonha de andar suja e maltrapilha”

(FORTUNATO, 2020, p. 105). O que se depreende desse relato é o sentimento de falta, de carência. Sente vergonha porque é desprovida dos meios de subsistência, de perspectiva de futuro; sofre diante da impossibilidade de estudar, sofre porque não dispõe de instrumentos para resolver questões prementes da sobrevivência; na solidão e no desespero, assiste a sua mãe, seu único amparo afetivo, definhar até a morte.

A outra escritora que lhe dá forças ao revisitar seu passado e escrever o seu relato é Conceição Evaristo, ela também oriunda de família pobre, que conseguiu terminar um doutorado e tornar-se epítome da luta pela visibilidade das escritoras negras. Ao submergir nas escritas dessas duas figuras emblemáticas da superação, ela sente um laço que as une, se percebe dividindo o mesmo “*lócus* de enunciação, como mulher negra de origem periférica”, e se dá conta de que “a vida de nenhuma pessoa pode existir separada das vidas das outras” (2020, p. 106). É nesse entrecruzamento intergeracional que seu relato de vida deve ser lido porque sua voz ecoa as vozes de Carolina e de Conceição.

Reviver um tempo de infância risonha e feliz é fácil, evocar um passado de dores é muito diferente; embora tenha sempre procurado esquecer sua infância, ao escrever, ela inicia “um mergulho nas profundezas do [seu] ser, em busca de todos os fragmentos dilacerados e esquecidos da [sua] história” (FORTUNATO, 2020, p. 16), esperando fazer as pazes com o passado a fim de enfrentar o presente e o futuro. Ao assumir o papel de sujeito da escrita, acredita poder dar voz a seus ancestrais negros, pobres e invisíveis na sociedade racista em que vivemos; parafraseia o poema de Conceição em que diz que sua voz recolhe as vozes da mãe, da avó e da bisavó, uma linhagem de mulheres negras que muito lutaram pela sobrevivência. Entretanto, diferente de Conceição, Clarice é filha de mãe branca, o que não lhe confere o lastro de uma ancestralidade na qual se apoiar. Em entrevista a mim concedida por email em 18/01/2020, ela respondeu:

A questão da ancestralidade atravessa todas as esferas da minha existência enquanto mulher negra. Perder muito cedo o meu pai, que era negro, e ser criada com a minha mãe, que era branca, foi um fator significativo no entendimento da minha identidade cultural e, consequentemente, nalgum momento da infância e adolescência me senti um “patinho feio”. Nessa configuração a identidade é marcada no conflituoso espaço “in between” onde as diferenças culturais são articuladas e, quase sempre, a fenotipia é determinante; assim, desde que me percebo como gente, apontam meu cabelo, a cor da minha pele. Tudo isso converge para uma relação mais íntima com a ancestralidade negra, que veio pela necessidade de me tornar potente para atravessar o mar tempestuoso que é o racismo cotidiano; as revisitações do passado estreitaram essa relação através da escrita: eu mesma a me escrutinar no espelho, numa hermenêutica libertadora.

Essa ancestralidade bi-racial é explicada num dos capítulos do livro. Original de Vitória da Conquista (Bahia), a mãe branca fugiu com um namorado negro (que não amava) para escapar de um casamento arranjado pelo pai. O casal se instalou no Paraná. Trabalhando numa lavoura de café, o pai rapidamente mostrou-se ciumento e possessivo, prendendo a mulher dentro de casa. Como assinala Marie-France Hirigoyen (2006, p. 33), “a inclinação para o ciúme acontece a partir de um sentimento de desvalorização”, o que provoca a suspeição permanente. Assim, em sua cabeça de homem inseguro de si, provavelmente considerando-se inferior, o pai pensa que a esposa atraía o desejo de todos, sendo a única moça branca naquele mundo. O ciúme patológico desencadeia a violência doméstica, tanto simbólica quanto física: não só surrava a mulher e os filhos como abusou sexualmente das meninas. Esse comportamento seria repetido pelo irmão mais velho, que estuprou as duas filhas, engravidou uma delas; depois de anos de silêncio, elas o denunciaram e ele está preso no presente da enunciação. A narradora-autora se pergunta se terá coragem de visitar o irmão na cadeia.

O pai morreu provavelmente assassinado a mando do patrão quando Clarice tinha 5 anos, como o marido de Bibiana, no romance *Torto arado* de Itamar Vieira Júnior. Aliás, a situação dos empregados em suas relações de trabalho com o fazendeiro é bastante semelhante àquela descrita pelo autor baiano. Em ambos os casos, nada se esclarece porque a polícia está do lado dos ricos e não investiga o crime. Tanto em *Diário de Bitita* quanto em *Becos da memória* há referências ao campo. Pedro da Zica foi assassinado a mando do Coronel, que queria tomar suas terras. “Terras tão boas, tão vizinhas da fazenda! O que custava aquela negrada vender as terras e desocupar o beco?” (EVARISTO, 2006, p. 57). Os trabalhadores negros vivem em regime de semi-escravidão e são expulsos quando não são mais necessários. Tio Totó, já velho, não quer sair de sua casa na favela, já teve de partir muitas vezes, está cansado de reconstruir sua vida em outro lugar; ele evoca sua saída da fazenda em que nasceu. “Um dia, ainda com a primeira mulher, tivera de deixar a fazenda em que foram criados trabalhando na roça. As terras haviam sido vendidas, os donos estavam em má situação” (EVARISTO, 2006, p. 25). Ao atravessar o rio num barquinho improvisado, a mulher e a filha desapareceram na correnteza; o que fazer, sozinho? É uma vida de muitas perdas.

O mesmo acontece com a mãe de Clarice: expulsa da fazenda, após a morte do marido, ela vai para a cidade com 8 dos seus 11 filhos. Rapidamente, os mais velhos se dispersam, casam ou vão trabalhar em outros lugares. A mãe, com a pequena Clarice, arruma um marido, porém, como nenhum trabalhava, os três são obrigados a deixar a casa, tornando-se andarilhos. Eles ficam perambulando: sujos e famintos, a maioria das pessoas os ignorava, uns poucos os olhavam, davam-lhes esmolas. Esse é o período mais terrível da narrativa porque a menina passava fome, bebia água de poças, procurava restos de comida nos lixos. O padrasto, como o pai, bebia, espancava a mãe, desaparecia durante dias. Foram mais de dois anos de penúria total, sem casa, sem comida, sem banho, sem proteção. Para piorar a situação, a mãe vai ficando cega.

Entre tantas desventuras, um dia agentes comunitários arranjaram uma casa da prefeitura de Nova Londrina e uma aposentadoria para a mãe. O padrasto, porém, gastava o dinheiro em bebida, além de bater na mãe. Ao morar numa casa,

com novos hábitos, a menina começa a sonhar em ir para a escola, como as vizinhas; para isso, foi preciso ir a um cartório para fazer seu registro de nascimento. A precariedade é tal que os pobres nas periferias e nos cafundós não têm acesso à cidadania: alguém desprovido de documentos que certifiquem seu estatuto não tem existência civil. O sonho de ir para a escola se desfaz porque reaparecem os irmãos mais velhos e a família acaba indo para Santa Catarina, deixando o padrasto para trás.

Nada é estável para os pobres, as relações familiares são esgarçadas, rupturas desestabilizam a vida de pessoas extremamente fragilizadas. Sem formação profissional, não podem achar trabalho satisfatório, muito menos trabalho bem pago. A miséria os torna vulneráveis a ponto de provocar a desestruturação da família, que se torna disfuncional, gerando filhos igualmente desequilibrados e disfuncionais. “Jogar luz às sombras do passado é uma forma de expurgar a dor, colocar as coisas nos seus devidos lugares. De tantas ruínas do passado, e de fantasmas desvanecidos, algumas lembranças me assombram mais porque devastaram a vida das mulheres da família” (FORTUNATO, 2020, p. 53). O perfil desses homens tende a se repetir: bebem demais (para esquecer sua miséria), gastam o pouco dinheiro que ganham, surram as mulheres e os filhos; em muitos casos, abusam sexualmente das meninas. É o círculo vicioso infernal ao qual as mulheres se submetem num fatalismo desolador. O neurocientista Roberto Lent assinala, num curto artigo publicado em *O Globo* (2021, p. 9), a maior incidência de transtornos mentais nas classes mais desfavorecidas. “Os pesquisadores concluíram que a pobreza causa depressão e ansiedade, e estas aumentam a pobreza pela sua repercussão negativa sobre o trabalho.” Nos dois romances de Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*, assim como em seus contos, personagens ficam perturbados, têm surtos de loucura, se desesperam.

A vida da mãe é uma sequência de infortúnios, nada de bom lhe acontece a não ser o amor incondicional de sua filha caçula. A protagonista- narradora do relato, após a morte da mãe, se vê só, porque a irmã não a protege; na escola, é excluída pelas outras crianças porque é miserável, porque é negra, porque não tem atrativo. No capítulo dedicado à morte da mãe, a narradora fala diretamente com ela, como se fosse uma carta na qual rememora a doença, a fragilidade da mãe em seus últimos dias e, finalmente, a morte. Para a menina, a perda da mãe – sua única referência afetiva –, foi catastrófica. Ela era seu esteio, seu refúgio. “O amor, esse sentimento milagroso que nos conecta, é a fortaleza que me revigora das angústias e ameniza o vazio de sua existência na minha vida. E é pela transcendência desse mesmo amor que escrevo em sua memória” (FORTUNATO, 2020, p. 82).

A menina, órfã de pai e mãe, morava com a irmã mais velha, que passou a ser responsável por ela. Entretanto, não era confiável: explorava-a nos trabalhos domésticos, humilhava-a e batia nela com varas, fios elétricos, borrachas de sofá, enfim, o que estivesse à mão. Entrando na puberdade aos 13 anos, raquítica, torna-se alvo das tentativas de abuso sexual do cunhado. O estupro de meninas nessa idade é recorrente. Em *Becos da memória*, Maria Nova fica sabendo que a mãe de Nazinha a vendera a um fornecedor da fábrica de cigarros porque necessitava de dinheiro; depois disso, ela some da favela com o filho doente e o marido bêbado. Maria Nova também conhece a história de Fuinha, de quem tem medo: ele surrava

a mulher, um dia, matou-a. Depois disso, abusava da filha e a espancava também. “Era o dono, o macho, mulher é para isto mesmo. Mulher é para tudo. Mulher é para a gente bater, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ele. Fuinha era tarado, usava a própria filha” (EVARISTO, 2006, p. 76). Maria Nova é curiosa, ouve todas as histórias, se amedronta, se entenece, se emociona; Maria Nova se prepara para ser escritora e contar as histórias que ouviu. Maria Nova tem certeza de que Mãe Joana nunca a venderia, ela é triste e silenciosa, mas ama e protege seus filhos.

No relato de Clarice, a menina não se torna uma vítima; não suportando mais as investidas do cunhado e a indiferença da irmã, ela vai trabalhar como empregada doméstica numa casa de família que não a adota, mas se responsabiliza por ela oficialmente. Sem salário, fazendo todo o serviço da casa, ela era “quase” da família; a única vantagem é que podia ir para a escola e não sofria os abusos da irmã e do cunhado. Ela fica nessa casa até os 19 anos, quando vai trabalhar numa fábrica e morar com uma amiga da escola.

Aos 23 anos, vai para Florianópolis para prosseguir o ensino médio; após estudar com obstinação, é aprovada para o curso de Letras na UFSC, que inicia em 2002. Durante cerca de onze anos, ela trabalhou como empregada doméstica, às vezes em péssimas condições, sendo humilhada, às vezes, com um tratamento um pouco mais humanitário. Na universidade, aos poucos, vai se descolando desse mundo de exploração de mão-de-obra barata: começa um estágio, consegue uma vaga na residência universitária, ainda tem de fazer umas faxinas para sobreviver. Foi um esforço imenso até conseguir se formar, em seguida, ir para a Pós-Graduação. A partir do momento em que ela deixa a casa da irmã, a narradora não menciona mais os membros de sua família. Na formatura, ela havia convidado a sua “mãe adotiva”, aquela com quem viveu na adolescência; entretanto, ela não compareceu. Só não é a solidão total, o vazio de afetos, porque tem uma amiga que vai lhe dar o abraço que ela gostaria de ter recebido de sua mãe.

Trata-se de uma narrativa híbrida, que desde o início se apresenta como parte de um trabalho acadêmico, com divisões de capítulos, epígrafes, citações e referências no final. Na entrevista que me concedeu por email, explicou que sua tese era dividida em duas partes: o relato e um capítulo teórico. Para a publicação, o texto do relato foi retrabalhado, sofreu cortes e acréscimos, rearranjos e modificações lexicais. Não sendo linear, os vários passados se alternam, ora a estada na Inglaterra, ora a viagem à Bahia para conhecer os parentes da mãe, ora a infância mais longínqua.

O livro tem, parcialmente, a forma de um relato de infância, no qual existe uma distância entre o eu da enunciação e o eu da menina do passado que passou fome, que queria ir para a escola como as outras crianças, ter cadernos e roupas limpas, uma casa, uma família. Para Bruno Blanckeman (2003, p. 272), a infância não é uma propedêutica da vida por vir e a criança não é um adulto em miniatura; segundo ele, o relato de infância pode ser simbiótico ou esquizóide, ou o narrador busca se identificar com a criança do passado, ou procura se desvencilhar de um fantasma importuno. No caso de Clarice Fortunato, parece se tratar de um relato simbiótico porque a adulta se identifica com a menina que sonhava com os estudos. “A essência daquela garotinha permanece em mim, e impulsiona-me a buscar novos

sonhos, um voo mais alto: a pós-graduação” (2020, p. 99). Entretanto, ao confrontar as diferentes fases da vida, tal como ela foi contada, detecta-se um fosso que separa a criança miserável e vulnerável da professora com doutorado de agora; apesar dessa distância incomensurável, a narradora resgata os afetos que a ligam a sua mãe e, por conseguinte, à menina que foi simbioticamente ligada a ela.

A partir do momento em que se instalam numa casa em Nova Londrina, os papéis de mãe-filha começam a se inverter, ela se torna a mãe de sua mãe, enferma e cega, configurando uma confusão de estatutos como em *Diário de luto* de Roland Barthes; ele diz que durante os seis meses que durou a doença da mãe, nada escreveu, ele estava “perdidamente por conta dela” (BARTHES, 2011, p. 16), tornou-se mãe de sua mãe, porque era ele quem cuidava dela.

Ao chegar à idade adulta, depois de ter sofrido *bullying* na infância por ser pobre e negra, depois de ter-se sentido tantas vezes humilhada trabalhando como empregada doméstica, a narradora tem conflitos em relação à sua imagem, em especial ao seu cabelo, aliás, elemento fundamental na autorrepresentação das mulheres negras. Ifemelu, a protagonista do romance *Americanah*, de Chimamanda Adichie, tem muitas crises por causa do cabelo. Aliás, o romance começa com sua ida a um salão especializado em tranças, onde fica durante seis horas para que a cabeleireira faça seu trabalho. Como a história é contada em *flash back*, existe o momento em que, depois de verificar a queda dos fios devido ao uso excessivo de produtos químicos para alisar o cabelo, Ifemelu decide pelo corte muito curto. Ao se olhar no espelho, fica desolada: “Ela estava com os olhos enormes e uma cabeça enorme. Na melhor das hipóteses, parecia um menino; na pior, um inseto” (ADICHIE, 2014, p. 226).

A narradora de Clarice Fortunato passa por várias fases: tranças, alisamento, alongamento. “Para ser aceita, eu precisava apagar a minha cor. Era doloroso reconhecer, mas a revelação se fazia implacável e inequívoca” (2020, p. 107). Essa crise de identidade assinala que ela não se “sentia livre para ser negra”, o que a faz buscar o autoconhecimento através do corte dos cabelos (2020, p. 107). O cabelo é metáfora e metonímia ao mesmo tempo: sendo parte de seu corpo, é também a figuração da imagem da mulher negra. A transição capilar não é fácil porque a autoaceitação também não é imediata, a pessoa dominada introjeta os valores que lhe foram inculcados. O processo de escrita do livro (e da tese) opera uma catarse, uma aceitação do seu corpo, de seu lugar no mundo que a insere numa linhagem.

Se Clarice e Conceição conseguiram sair desse lugar da pobreza e da invisibilidade através dos estudos, a vida de Carolina Maria de Jesus (1914-1977) não teve o mesmo desfecho. Apesar do sucesso de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, apesar de ter ganhado fama e dinheiro, apesar de ter conseguido deixar a favela, Carolina não encontrou uma realização pessoal. O livro teve forte impacto, de repente ela se tornou uma sensação. Saiu da favela, “comprou um terreno em Parelheiros, onde ela mesma construiu sua casa de alvenaria” (ALVES, 2014, p. 10); essa é uma região de Mata Atlântica, portanto, tranquila e arborizada. Carolina continuou escrevendo, mas nada deu muito certo: no fim da vida estava pobre. Apesar de sua pouca instrução formal, tendo cursado só um ano da escola primária, Carolina deixou uma obra imensa que está sendo, aos poucos, repertoriada e publicada. Com fortuna crítica invejável, atingiu repercussão no exterior com um

número grande de traduções. O *Diário de Bitita* foi publicado postumamente, em 1982, em tradução francesa, só quatro anos depois saiu no Brasil.

Em *Diário de Bitita*, Carolina conta sua vida desde seu nascimento até o momento em que decide se instalar em São Paulo. A vida dos miseráveis é tão difícil que as famílias são desestruturadas, os homens bebem e batem nas mulheres e nos filhos, como se lê também no livro de Clarice Fortunato. Bitita perambula, vai, muitas vezes, a pé de uma cidade para outra, busca abrigo nas casas dos parentes e amigos, mas é sempre rejeitada, não lhe dão comida, não a querem dentro de casa porque é suja. Mesmo a relação de Bitita com a mãe é conflituosa, elas brigam, se separam, quando Bitita volta fica claro que não é bem-vinda, enfim, é uma *vía crucis*. Os únicos lugares que lhe oferecem proteção são os hospitais (Santa Casa) e asilos mantidos pelas freiras da congregação de São Vicente de Paula, que a acolhem, tratam das feridas de suas pernas. Entretanto, depois de alguns dias, ela vai embora. Nem sempre a hospedagem é de graça, ela tem de lavar muita roupa, as freiras não são santas. De qualquer modo, Carolina não suporta o trabalho doméstico, a situação de subalternidade a irrita. Bitita é rebelde, não para em emprego nenhum, em lugar nenhum, tem dificuldade de aceitar qualquer imposição. Não gosta da escola, não aceita ser mandada. Apesar de sua rejeição à escola, provavelmente devido ao racismo e ao *bullying* que sofreu, Bitita se interessa pelas leituras.

Carolina encontra o romance *A escrava Isaura* numa gaveta e, com ele, descobre o prazer da leitura, o que a leva a um bom conhecimento da história do país. “Por intermédio dos livros, eu ia tomando conhecimento das guerras que houve no Brasil, a guerra dos Farrapos, a guerra do Paraguai. Condenava essa forma brutal e desumana que o homem encontra para solucionar os seus problemas” (JESUS, 2014, p. 179). Apesar das dificuldades, ela conclui: “Eu não entrei no mundo pela sala de visitas. Entrei pelo quintal. Eu ia vencer porque era outra” (2014, p. 200).

Em entrevista ao jornal *O Globo*, a pesquisadora Giovana Xavier (2019) afirmou que Carolina deveria ser apresentada como uma intelectual negra e não como uma favelada. E realmente, em *Diário de Bitita* ela interpreta o Brasil a partir de “seu lugar de fala”, de mulher pobre e negra que vê como funciona a sociedade brasileira: empregadas domésticas exploradas que trabalham das 6h às 23h, sem descanso, meninas negras que são abusadas pelos patrões (pais e filhos), engravidam e têm de se virar para sustentar seus rebentos; homens negros acusados injustamente e perseguidos pela polícia; falta de acesso à saúde e à educação para os pobres; racismo que se exprime no cotidiano de crianças que recebem insultos desde muito cedo. Carolina conta que ela e sua mãe foram presas por acusações injustas e absurdas; ficaram detidas cinco dias sem comer, carpindo o terreno em frente à cadeia, sendo espancadas.

Becos da memória, como o nome indica, se aproxima mais da narrativa memorialística, embora a autora no prefácio se refira à obra como sendo um romance. Esse teria sido, segundo Conceição, seu “primeiro experimento em construir uma narrativa” (2006, p. 9) e sua publicação estava prevista para o ano de 1988, o que acabou não se concretizando. O livro pode ser classificado como um relato de infância, escrito na terceira pessoa, cuja protagonista é uma menina

curiosa que olha para tudo, mesmo para aquilo que teme. É, ao mesmo tempo, um romance de formação de escritora porque a Maria Nova, *alter ego* da autora, aprende de tudo um pouco ao longo da narrativa e deseja escrever um dia.

No primeiro capítulo, a narradora diz que escreveu em homenagem a Vó Rita e a todos os outros que povoam os becos de sua memória. A narrativa se passa numa favela, que não existe mais, como, aliás, não existem mais favelas como aquela; hoje são outros tipos de favelas que inspiram outros tipos de relatos. Ela conta histórias de personagens muito pobres, que lutam para sobreviver e, nesse sentido, se insere na linhagem de *Quarto de despejo* e *Diário de Bitita* de Carolina Maria de Jesus que, segundo declarou Conceição, foi lido com emoção por sua mãe que, a partir daí, passou também a escrever um diário:

Minha mãe leu e se identificou tanto com o *Quarto de Despejo*, de Carolina, que igualmente escreveu um diário, anos mais tarde. Guardo comigo esses escritos e tenho como provar em alguma pesquisa futura que a favelada do Canindé criou uma tradição literária. Outra favelada de Belo Horizonte seguiu o caminho de uma escrita inaugurada por Carolina e escreveu também sob a forma de diário, a miséria do cotidiano enfrentada por ela (EVARISTO, 2010).

Esse diário de sua mãe fez parte do acervo da exposição *Ocupação Conceição Evaristo*, organizada pelo Itaú Cultural em São Paulo em 2017.

Os becos da memória de Conceição Evaristo remetem aos becos e às vielas de uma favela que quer resistir, mas que sucumbe às investidas das construtoras que expulsam os moradores a fim de ocupar o terreno com prédios modernos para a classe média. A defesa do local onde está enraizada a comunidade evoca a do romance *Texaco*, de Patrick Chamoiseau (1993, p. 337), no qual a protagonista Marie-Sophie Laborieux consegue a vitória em sua luta para preservar a favela. Urbanizada, ela passa a ser um bairro popular de Fort-de-France (Martinica): “Na verdade, [o urbanista] disse-me que a Cidade integraria a alma de Texaco, que tudo seria melhorado, mas conservado segundo sua lei primeira, com suas vielas, com seus lugares, com sua memória tão velha de que a Martinica precisava”. Os favelados mineiros tematizados por Conceição não obtiveram o mesmo êxito: eles tiveram a opção de receber material para construir o barraco em outro lugar ou um pouco de dinheiro, uma indenização simbólica (que não daria para nada).

Ao comparar as vidas dessas três escritoras negras, oriundas de famílias miseráveis, uma diferença fundamental se destaca no relato de Conceição: sua família é unida, amorosa. Ao contrário da mãe de Clarice que morre muito jovem, a mãe de Conceição está viva até hoje, com 98 anos de idade. A preservação dos laços familiares assegura a estabilidade emocional da criança/da moça, dando-lhe segurança, proteção, tudo o que Carolina não teve. Clarice, de certa maneira, teve sua cota de amor e de afeto da mãe que lhe proporcionou um processo de subjetivação consistente; apesar dos desacertos de sua família “adotiva”, a atuação dela foi mais positiva do que a da irmã. O agenciamento de Clarice se dá porque, ao ser mãe da sua mãe, ela amadurece depressa e foge das contingências e pressões que

a irmã e o cunhado o queriam impor. Apesar da diferença de época e das maiores dificuldades encontradas por Carolina nas décadas de 1920/30, quando era criança e jovem, ela realmente não teve proteção de sua família.

Nos três livros em pauta, detecta-se uma distância entre o presente da enunciação e o passado, entre a narradora adulta que escreve e o eu da menina, que tudo vê, tudo observa, como é típico do relato de infância. Segundo Bernard Colas (1993, p. 153), o relato de infância tem dois níveis de discurso no plano linguístico: o da intriga e o dos comentários do adulto de hoje sobre suas próprias lembranças, o que é inevitável já que “toda memória é uma ‘elaboração’ (no sentido psicanalítico) do presente sobre um conteúdo/objeto passado, e é o adulto de hoje que escreve”. A narradora de *Becos da memória* diz: “Hoje, a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado!” (EVARISTO, 2006, p. 20).

O relato de infância suscita um questionamento sobre as possíveis correlações entre uma história individual e a História porque as possibilidades que se oferecem a uma criança quando ela nasce dependem da classe social de sua família, como assinalaram Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (2015, p. 34). A probabilidade de uma criança oriunda das classes populares entrar na universidade é muitíssimo menor do que a de outra, vinda de meio social privilegiado; as carreiras escolhidas também são determinadas pela classe social; mesmo quando concluem um curso superior, a pessoa pertencente às classes trabalhadoras terá menos oportunidades de sucesso porque sua rede de relações é pequena, difusa. A chamada “meritocracia” só reforça o sistema, perpetuando as desigualdades porque os estudantes herdam de seu meio de origem não só “hábitos, treinamentos e atitudes aplicáveis diretamente às suas tarefas escolares; eles também herdam saberes e um saber-fazer, gostos e um *bom gosto* cuja rentabilidade escolar, por ser indireta, é ainda mais certa”. Ao penetrar em um mundo novo, na universidade, os alunos são levados a assimilar “um conjunto de conhecimentos e de técnicas que nunca são completamente dissociáveis de valores sociais, frequentemente opostos aos de sua classe de origem”, de modo que, para os oriundos das classes populares, “a aquisição da cultura escolar é aculturação” (BOURDIEU, PASSERON, 2015, p. 40).

Comparando os livros de Carolina, Conceição e Clarice a relatos de infância de escritores nascidos em famílias de classe média letrada, por exemplo, José Lins do Rego, Murilo Mendes, Oswald de Andrade, percebe-se que a experiência de vida é muito diferente, embora todos eles tenham em comum o gosto pelos livros e o desejo de escrever, um *topos* de narrativas autobiográficas de escritores. Em um curto relato autobiográfico, *Esquisse pour une auto-analyse*, Bourdieu (2004) usa o termo “trânsfuga de classe” para designar as pessoas (como ele próprio) que mudam de classe social através dos estudos; o abandono dos padrões comportamentais da família e a aquisição de novos hábitos culturais podem provocar o sentimento de traição aos genitores.

Conceição não quer trair sua origem, ainda que busque uma ascensão social. Ao aprender na escola a história da escravidão e ao associar a vida que levam os moradores da favela às antigas senzalas, Maria Nova de *Becos da memória* forma um projeto de escrita vinculado à questão histórica do negro no Brasil, eixo central

das narrativas e da poesia da autora: “Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente” (EVARISTO, 2006, p. 138). Ela não cansa de repetir que toda sua escrita é marcada por uma *escrevivência*. Ela diz em entrevista: “Alguns fatos vividos por mim serviram de estofo para a narrativa. O próprio desfavelamento que sofri junto com a minha família, as angústias de minha meninice e de minha adolescência” (apud FIGUEIREDO, 2013, p. 166). A composição da personagem Maria Nova se confunde com sua história pessoal de modo que sua criação foi uma maneira de perscrutar as razões de sua escrita.

O projeto literário de Conceição Evaristo e de Clarice Fortunato se insere numa linhagem de escritoras negras que já formam uma pequena tradição, de Maria Firmina dos Reis, Ruth Guimarães, Geni Guimarães, Miriam Alves, Ana Maria Gonçalves, Eliana Alves Cruz, entre outras. As escritoras negras sublinham, através da intriga, que suas personagens são pobres e negras. O ser negro faz diferença na pobreza porque a vincula à História da escravidão, da marginalização, do racismo estrutural. Essas vozes que ecoam as vozes do passado narrativizam visões disruptivas que desconstroem uma história oficial pacificadora e neutralizadora das diferenças, dando visibilidade às desigualdades e às injustiças da sociedade brasileira.

referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Tradução de Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ALVES, Uelinton Farias. Introdução. In: JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2014.

BARTHES, Roland. *Diário de luto*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: *Olhas escolhidas*, volume 1. Magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993. pp. 36-49.

BLANCKEMAN, Bruno. La tentation du défaut (Sur quelques récits d'enfance). In: CHEVALIER, Anne, DORNIER, Carole (dir). *Le récit d'enfance et ses modèles*. Caen: Presses Universitaires de Caen, 2003. p. 271-279.

BOURDIEU, Pierre. *Esquisse pour une auto-analyse*. Paris: Raisons d'Agir, 2004.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Os herdeiros: os estudantes e a Cultura*. Tradução Ione Ribeiro Valle, Nilton Valle. Florianópolis: Editora UFSC, 2015.

BUISINE, Alain. Biofictions. *Revue des Sciences Humaines*. Université Charles de Gaulle, Lille III. n. 224. Le biographique, 1991-4. pp. 7-13.

CHAMOISEAU, Patrick. *Texaco*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

COLAS, Bernard. De la grande Histoire à l'histoire individuelle. In: ESCARPIT, Denise, POULOU, Bernadette (dir). *Le récit d'enfance*. Enfance et écriture. Actes du Colloque de NVL/CRALEJ. Bordeaux, octobre 1992. Paris: Editions du Sorbier, 1993. pp. 129-157.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. In: DUARTE, Constância Lima (org). *Escritoras Mineiras; poesia, ficção, memória*. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2010.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho; autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

FORTUNATO, Clarice. *Da vida nas ruas ao teto dos livros*. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

HIRIGOYEN, Marie-France. *A violência no casal: da coação psicológica à agressão física*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2014.

LENT, Roberto. *Pobreza, depressão e ansiedade*. O Globo. Rio de Janeiro: Editora O Globo, 14/01/2021. p. 9.

MUXEL, Anne. Temps, mémoire, transmission. In: RODET, Chantal (dir). *La transmission dans la famille: secrets, fictions et idéaux*. Paris: L'Harmattan, 2003. pp. 147-157.

XAVIER, Giovana. *Não estou na vida acadêmica para ser legitimada pelo script branco*. Entrevista concedida a Renata Izaal. O Globo. Rio de Janeiro: O Globo, 23 out. 2019, p. 2.